



O aparecimento do Correio em Portugal

José Luís Vilela

Nos primeiros tempos da nacionalidade portuguesa não existia entre nós um serviço de correios devidamente organizado e vocacionado para o transporte de correspondência. As exigências também não seriam muitas, pois, por esses tempos mais recuados, avelha ordem feudal dominante deixava pouco espaço para movimentos abertos e seguros entre povos e estados. E, poucos seriam, também, os espíritos versados na arte de ler e escrever.

Contudo, lentamente, a ritmos e a momentos diferentes, o quadro político, económico e social foi-se alterando. As crescentes necessidades de comunicação, sobretudo escrita, obrigaram pessoas e instituições a recorrer a mensageiros da mais diversa origem e condição social. O monarca, regra geral, enviava os seus escudeiros e moços das reais estrebarias, ou então, os mais altos representantes da corte se a delicadeza do assunto e destinatário exigissem um portador mais ilustre. A Igreja e a Nobreza utilizavam os seus criados ou os rendeiros das suas terras, quando os forais a isso os obrigavam. A Universidade, criada em Portugal em 1290, tinha mensageiros particulares. As Câmaras, Tribunais, Corporações e outras entidades dispunham de meios próprios. Os comerciantes aproveitavam-se do grande número de almocreves «ou recoveiros» que, juntamente com os barqueiros, caminheiros e carreteiros constituíam os elementos sociais especializados no transporte de mercadorias no interior do país. Mas, em 1520, data da criação do ofício de Correio-mor, Lisboa era um dos centros comerciais mais importantes da Europa, a capital de um vasto império colonial de onde exalava o aroma da pimenta e da canela. Era intensa a actividade diplomática com Roma e com outros estados europeus, como era intensa a actividade epistolar com comerciantes, banqueiros e

representantes, no estrangeiro, dos tratos comerciais de el-rei D. Manuel.

Por várias vezes, o monarca enviava um tal Luís Homem, cavaleiro de sua casa, com recados escritos à Flandres, centro da organização postal da família Turn und Taxis, que criara um excelente e eficaz serviço de postas no extenso império de Carlos V, desde a Alemanha até à Flandres, Nápoles, Duas Sicílias e Espanha. A experiência e o contacto que teve com o sistema de correios dos Taxis e o bom desempenho da função fizeram-no, certamente, merecedor da confiança régia, por isso, D. Manuel encarregou-o de organizar os correios públicos e escolheu-o para Correio-mor do Reino. A carta de doação do ofício, lavrada em Évora a 6 de Novembro de 1520, estipulava, resumidamente, o seguinte: os correios podiam ser utilizados tanto pelo rei como por particulares; o rei reservava para si a faculdade de nomear correios para outras localidades, para além de Lisboa; a expedição das cartas era feita unicamente quando solicitada pelos interessados; os portes da correspondência eram fixados por ajuste entre o Correio-mor e os interessados,

variando conforme a distância e o tempo gasto no jornada. Do preço ajustado, dez por cento constituía receita do Correio-mor, o restante recebia-o o correio que partia em viagem; estabelecer estações de posta, ou seja, pontos fixos no itinerário da posta onde se fazia o serviço de mudas de cavalos para continuar a viagem.

A partir de então o correio foi crescendo ao ritmo do seu tempo e da sua época. Cerca de 1555 já aparecem referenciados dez correios na cidade de Lisboa e, em 1620, precisamente um século depois da criação do ofício, o seu número subira para trinta correios a pé, doze a cavalo e «algumas vezes mais».

Em 1573 organizou-se a linha entre Lisboa e Elvas, por onde se fazia a ligação com Espanha e daí para toda a Europa. Uma barca fazia a travessia do Tejo até Aldeia Galega (hoje Montijo) seguindo o correio pelas estações de muda de Pegões, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Arraiolos, Estremoz, Veiros, Elvas e Badajoz. E, no final do século, os correios partiam com certa regularidade, o chamado **ordinário** corria uma vez por semana para a Beira e Douro e uma vez por mês para Espanha, França, Flandres e Itália. O correio do Norte encontrava-se com o estafeta que ia de Lisboa, em Alvaiázere, onde trocavam as bolsas da correspondência, regressando ao ponto de origem.

O período seguinte registou alguma evolução na expansão da rede postal com a nomeação de Assistentes do Correio-mor nas principais localidades do país, mas teríamos de esperar pela revolução dos novos meios de transporte e das novas técnicas de construção de vias de comunicação, que ocorreram nos finais do século XVIII e princípio do seguinte, para assistirmos a uma implantação e melhoria do serviço, verdadeiramente notável, deste poderoso e sempre revigorado meio de comunicação que é o Correio. ■



Gravura francesa do Séc. XV